

Conheça a Chefe de Resiliência Oficial do Presidente Obama

Por Laurie Mazur

Originalmente publicado no Grist

Harriet Tregoning, [uma estrela do rock no mundo do crescimento inteligente e planejamento urbano](#), assumiu o comando do [Escritório de Resiliência Econômica](#) do Departamento de Edificações e Planejamento Urbano do EUA no ano passado. Anteriormente conhecido como [Escritório de Edificações Sustentáveis e Comunidades](#), a OER ajuda cidades, vilas e municípios a construir uma base sólida para uma economia diversificada e próspera através da melhoria qualitativa da região, oportunidades econômicas, a estabilidade fiscal, a escolha de transporte e acessibilidade.

Antes de ingressar no Escritório de Resiliência, Tregoning foi [diretora de Gabinete de Planejamento de Washington D.C.](#), onde trabalhou para tornar a cidade acessível a pé, por bicicleta, globalmente competitiva e sustentável. Ela era a diretora do Instituto de Governadores em Design Comunitário e co-fundadora, com a ex-governadora de Maryland Parris Glendening, do [Instituto de Liderança Crescimento Inteligente](#). Ela serviu Glendening como secretária de planejamento e posteriormente como o primeira secretária de gabinete a nível estadual para o crescimento inteligente.

Tregoning é também uma ávida viajante ao trabalho por bicicleta, [que deseja muito que alguém invente um capacete da bicicleta dobrável](#).

-

P. Ao longo da sua carreira, você trabalhou sob a bandeira do crescimento inteligente e desenvolvimento sustentável. Como você considera resiliência diferente desses dois conceitos?

R. A resiliência é realmente focada em choques e tensões. Embora não seja voltada para um único choque ou stress, a resiliência é parte de um reconhecimento de que o futuro vai ser consideravelmente diferente do que é o passado.

Resiliência favorece a diversidade. Favorece mais opções. Favorece a inovação. Favorece conexão social e coesão. Deve concentrar-se na geografias mais vulneráveis e nas pessoas mais vulneráveis, porque a maneira que as pessoas se saem em caso de um choque específico é extremamente diferente se eles possuem os recursos para se recuperar.

A resiliência pode ser pensada como um atributo local, mas locais não possuem essas qualidades a menos que sejam muito decididas sobre isso. Quase nunca é um subproduto automático de um sistema baseado no mercado livre capitalista.

As comunidades precisam decidir que tipo de futuro que elas querem ter, e então elas necessitam fazer mudanças muito difíceis para obter esses resultados de forma mais inteligente para o crescimento sustentável. Isso é absolutamente necessário para a boa resiliência. Quanto melhor e inclusivo o processo, melhor o resultado.

Há muita sobreposição: Muitas das questões que tornam uma comunidade acessível a pé, habitável, economicamente competitiva, sustentável e igualitária também fará essa comunidade resiliente. Por exemplo, as escolhas de transporte que faz uma cidade tão atraente para a economia é muito útil também quando você necessita evacuar a sua comunidade.

P. Devido essas cidades serem mais diversificadas - se uma característica ruir, outras ainda estão funcionando?

R. Sim. É exatamente isso, mas é também uma questão de capacidade. Nós não dimensionamos qualquer uma das nossas infra-estruturas para que todos possam ir na mesma direção ao mesmo tempo, de qualquer maneira. Se você possui ciclovias, bicicletas e muitas pessoas usadas para levá-los junto com o trânsito, então você realmente possui muito mais capacidade. Pense em Houston depois do furacão Irene. Algumas das rodovias de maior porte no país, e foi um estacionamento. Nas semanas após o furacão Sandy, o caminho mais viável para se locomover foi de bicicleta.

São essas coisas que tornam uma comunidade habitável e maravilhosa de se vivenciar todos os dias também um bom lugar em termos de resiliência.

P. Quando você pensa sobre o que faz as pessoas e comunidades resilientes, parece que a resposta é ampla e profunda. Há uma ampla gama de fatores que importam: o ambiente social do ambiente construído. Existem problemas profundamente enraizados, como você disse antes, isso tem a ver com a diferença de vulnerabilidade das pessoas ao desastre. Como você aborda esta questão de uma forma apropriadamente ampla, profunda e ainda fazer outras coisas?

R. Para ser específica, nós estamos realizando um [Concurso Nacional de Resiliência a Desastres](#) com o valor de 1 bilhão de dólares. Estamos em parceria com a Fundação Rockefeller, que está fornecendo uma assistência técnica no valor de 5 milhões de dólares para os primeiros seis meses de competição. Eles vêm realizando uma série de "academias de resiliência" em todo o país para ajudar os candidatos a pensarem de forma ampla e profunda sobre resiliência.

Nas academias, um grande foco está nas condições subjacentes: a pobreza, a segregação por raça e renda, desemprego e a falta de acesso às necessidades básicas da vida - tais como emprego, saúde e oportunidades educacionais. O combate a essas condições fundamentais é parte importante de tornar uma comunidade mais resiliente. O quadro de resiliência demonstrou a sua utilidade em levantar estas questões que às vezes têm sido muito difíceis de tratar.

Um conceito que também é uma parte muito importante desta competição é que a resiliência não é apenas sobre a preparação para um futuro evento inesperado. Trata-se de investir em sua comunidade de uma forma que lhe traga benefícios a cada dia.

Por que nós nunca mais construímos uma berma ou uma imposição se um parque beira-mar nos daria a mesma proteção contra inundações? O parque a beira-mar é uma área de lazer da comunidade. Pode ajudar a revitalizar um bairro deteriorado. Fornece esses benefícios todos os dias.

Não podemos nos dar ao luxo de construir investimentos de finalidade única quando possuímos essas grandes necessidades em tantas comunidades. É sobre como iremos tirar o máximo proveito de cada dólar que é gasto e como é que vamos trazer o maior número de benefícios desses investimentos.

Nossa esperança para esta competição é que todos vejam que o dinheiro real não é nosso 1 bilhão, mas os muitos bilhões de dólares que estados e municípios estão gastando cada ano, e como esse dinheiro também pode ser investido de forma diferente

para dar-lhes benefícios em resiliência e dividendos que eles não estão recebendo atualmente.

P. **Você é uma veterana em debates sobre a revitalização e gentrificação. Claro, alguns têm argumentado que a criação de centros verdes com ciclovias, áreas de pedestres, veio à custa do deslocamento de moradores de baixa renda de longa data. Como você vê essa preocupação, e é essa uma questão que vem à tona novamente no trabalho de resistência?**

R. Eu sempre achei muito interessante essa noção de que se você investir em um bairro é uma coisa ruim. Alguns dizem que a nossa estratégia para a acessibilidade deve ser uma estratégia de desinvestimento. Sem comodidades, sem escolhas, sem acesso — esta é a nossa estratégia acessível.

É claro que isso não parece remotamente razoável, mas, ao mesmo tempo, é inegável que as comunidades e bairros com esses tipos de comodidades estão com uma vida curta em relação à demanda. Esses bairros tornam-se mais desejáveis com essas comodidades e eles também são desejáveis para as pessoas que já vivem lá.

Como eu estava dizendo antes, você não tem uma comunidade para trânsito a pé, habitável e sustentável automaticamente como um subproduto de um mercado livre; você tem que ser decidir por isso. Você também tem que ser decidido sobre como garantir a acessibilidade permanente de longo prazo nesses bairros. Você pode fazer isso utilizando controles de zoneamento, assegurando que os seus subsídios estão no lugar, utilizando a propriedade que você possui como uma localidade para garantir a acessibilidade de longo prazo.

P. **Quando observo o que precisa ser feito para tornar comunidades mais resilientes, vejo que existem algumas grandes mudanças que necessitam ser feitas. De onde virá o impulso para fazer esses tipos de mudanças?**

R. Algumas vezes vem do choque relacionado aos próprios eventos. Neste ano é o aniversário de 10 anos do furacão Katrina. Tivemos algumas catástrofes muito grandes nos últimos 10 anos. Houve mais de 200 desastres presidencialmente declarados apenas entre 2011 e 2013. O furacão Sandy, em particular, foi o segundo desastre mais caro que já tivemos. Isso afetou a Costa Leste de uma forma, francamente, chocante para as comunidades e os estados que estavam tão impactados.

Eu acho que cada evento é uma oportunidade para as pessoas de dizer: "Espere um minuto. Não estávamos preparados, e isso pode acontecer novamente. Como podemos estar mais preparados?" "Eu acho que as pessoas estão ficando mais sofisticadas. Seja qual for o próximo evento que tivermos, ele não será exatamente como o que acabamos de ter. Como podemos nos preparar mais amplamente para esse futuro incerto, este clima mais extremo, e este nível crescente do mar?"

Essa conversa não acontece necessariamente no surgimento imediato de um desastre. É realmente uma conversa muito difícil de se ter logo após uma catástrofe porque é o impulso humano normal querer tentar retornar ao estado anterior o mais rapidamente possível. Você quer se sentir normal novamente. Você quer que as coisas voltem para onde elas estavam.

É necessária uma mente preparada antes de um desastre ou uma certa quantidade de tempo passar antes de que você esteja pronto para dizer: "Espere um minuto. Possuímos uma grande quantidade de recursos de recuperação de longo prazo para a nossa comunidade. Nós precisamos fazer melhor do que apenas construí-la de volta como era."

P. Algum pensamento final?

R. Eu acho que a mudança climática é um dos maiores desafios do nosso tempo. Eu nem sempre falo sobre mudança climática quando falo sobre a resiliência, mas essas duas coisas estão intimamente ligadas, pelo menos na minha mente.

Eu sinto que é um grande privilégio e honra de ser capaz de possuir um papel na abordagem dessas questões. Eu estou tentando trazer tudo que eu aprendi em todos os meus muitos outros trabalhos para contribuir neste momento, abordando este conjunto de questões.

-

Laurie Mazur é o editora da Imprensa Urban Resiliência Projeto Kresge Foundation / Island, e está trabalhando para fazer avançar uma abordagem holística, transformadora para a resiliência urbana na era da mudança climática, fundamentada em um compromisso com a sustentabilidade e igualdade.